

FIESP PREVÊ RECESSÃO

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, teme que a desvalorização do real aprofunde a recessão já prevista para este ano no país. "Desvalorizar a moeda antes de fazer um ajuste fiscal é loucura", diz Piva. Ele prevê aumento no desemprego e diz que as indústrias não terão condições de absorver as elevações de preços das matérias-primas importadas.

Piva diz ainda estar assustado com o fim do controle do câmbio por parte do governo. "Na flexibilização, o céu é o limite", afirma. Ele diz que a Fiesp defendia o aumento gradual do limite máximo para o preço do dólar, com uma variação distribuída ao longo dos meses. "Não é verdade que a Fiesp tenha pedido a desvalorização pura e simples", afirma.

Ele diz que talvez as indústrias até tivessem condições de absorver a primeira desvalorização do real, de 8,2%, mas diz que a desvalorização entre 15% e 20% vai provocar uma pressão sobre os preços. Isso não significará, necessariamente, o retorno de uma inflação alta, diz Piva. "O problema será o recrudesimento da recessão", afirma. "Os consumidores devem deixar de comprar os produtos por causa do

aumento de preços e poderá haver um esfriamento da economia." Isso, na opinião do empresário, vai resultar em aumento do desemprego, maiores dificuldades para as empresas e crescimento do mercado informal.

BESTEIRAS

Piva afirma que o governo fez "algumas besteiras", mas acha que seria leviano dizer que ele perdeu o controle da crise. Para o empresário, a crise tem uma série de culpados. O governador de Minas Gerais, Itamar Franco (PMDB), que decretou a suspensão do pagamento da dívida do estado com a União por 90 dias, seria um deles. "Ele não é o único vilão, mas sem dúvida a moratória de Minas foi um elemento desestabilizante muito forte, num momento extremamente delicado", avalia o presidente da Fiesp. "Atribuo a essa bravata, a essa irresponsabilidade do Itamar, uma parcela da confusão em que vivemos."

Além de Itamar, o governo federal e os parlamentares seriam também responsáveis pela crise. "Estamos há cinco anos achando que a qualquer momento poderemos consertar o país, mas isso não se alcança sem a aprovação

das reformas estruturais." Piva diz que o Legislativo não compreendeu o sentido de urgência das reformas, e o Executivo privilegiou a agenda política no lugar da econômica. "É uma soma de erros e as responsabilidades têm de ser divididas."

Para o país sobreviver à crise, o empresário defende um grande acordo nacional que envolva parlamentares, governantes, trabalhadores e empresários. "Nossa meta tem de ser salvar o país". Piva acha que essa espécie de pacto será testada no Congresso ainda durante a convocação extraordinária, na votação de mudanças na contribuição de servidores públicos ativos e inativos para a Previdência. "É uma oportunidade para, de forma desarmada, (o governo) conversar com todos os setores e achar uma alternativa para a votação do texto", afirma o presidente da Fiesp.

Ele nega que a entidade tenha pedido a demissão de Gustavo Franco da presidência do Banco Central. "A Fiesp nunca pediu a cabeça de ninguém", garantiu. "Houve algumas manifestações isoladas, mas a preocupação sempre foi buscar alternativas a política econômica."